

AOS PESQUISADORES DA CULTURA POPULAR

Reunindo artigos que tratam desse espaço dinâmico, ambivalente e compósito que é esfera popular, apresentamos a nova edição da **Revista Digital Art&**, com a colaboração dos integrantes do Grupo de Pesquisa Observatório de Comunicação Estética UERJ/CNPq. Nosso objeto de dileção, a arte popular, está contemplado pelos mais diferentes aportes, implicando em uma leitura rica e instigante.

O estudo da Cultura Popular exige a sensibilidade dos que atravessam o estado das configurações complexas, dos conceitos vibrantes e ambíguos. Como manifestação de uma coletividade, exprime sua compleição polifônica, multiforme. Esfera da reunião de todos, a arte popular extrapola limites definidores e, – exatamente por essa qualidade difusa –, atinge os estames do cânone, assimilando como matéria de criação tudo o que se lhe apresenta. Então, nesse sentido, é inclassificável e, ainda, incontida: seus investigadores lidam então com seus contornos sempre irradiados e uma das grandes dificuldades encontradas é executar o recorte, selecionar o que se vai abranger e tratar.

Alguns críticos querem negar sua particular expressão no que tange à arte: - Esse negócio de arte popular não existe! Assumem uma posição distante e reconhecem apenas um conjunto de obras: a própria arte. No implicar disso, aquela a que designam de popular, assume o papel de produção genérica e simplificada. Esta, ainda que produzida fora do ambiente institucional, estabelece-se como produção circundante; a arte significando a mesma coisa em qualquer outro lugar. Segundo aquela mirada redutora, apenas uma conformação existe, e esta que se apresenta assim como de ordem mais simples divide o que é de uma só natureza. A arte, só que da classe popular, é definida, então, como parte da cultura dos excluídos ou dos povos marginais ao sistema hegemônico.

A coleção que apresentamos neste exemplar da **Revista Digital Art&**, 15^o, dispõe-se como elenco de propostas na revisão desse aporte negativo. Mostram os contornos específicos que não se abrigam nas miradas generalizantes, exigem cuidado extremo na aproximação, na observação e na análise. Suas categorias se fazem próprias e abrigam, por isso, universos distintos de um sistema geral das artes, ainda que, com este, possa dialogar.

A arte popular joga com os movimentos espaço-temporais dos grupos que dialogam e criam, nesse jogo de sociabilidades, uma série de correspondências que lhes são próprias. Seus dispositivos comunicacionais são amplos e se orientam por códigos que derivam em uma ambiência aberta. A liberdade criativa que exibem não está isenta de critério, de cultivo nem de excelência. A diferença que as formas de arte

popular apresentam é, especialmente, da ordem comunicacional: sua audiência é anônima e seu consumo não aufere status.

Também se diferenciam do design como também da forma do espetáculo, uma vez que não tratam de produção de mercadorias, mesmo que apresentem contornos da beleza, do maravilhar. Esse sentido, no entanto, passa longe do lucro e dos objetos de comércio financeiro como seu sentido intrínseco. Ao mesmo tempo, pode-se encontrar em seu consumo, o desvio financeiro que promovem os mecenas e as ordens políticas que visam, em sua apropriação, o consumo profícuo, objetivado na finalidade exacerbada dos benefícios econômicos. Sua expressão é a ordem do comum, daquilo que se faz compartilhamento e se expande, como quadro aberto e participativo. A tudo assimilam e seguem, no vigor dos movimentos que são de todos os que estão ao redor, na comunicação ampla do povo, tratando do que é de todos e não pertencente a ninguém. Por isso, seu lugar privilegiado é a rua, a praça, o lugar público, e vemos que nesse âmbito, também como via pública, se expandem, hoje, em sua atualização, pelos circuitos do ciberespaço. Falam das línguas que são trocadas no cotidiano, brincam com as possibilidades do riso, do pranto e do sagrado no prazer de estar junto. Se custar algo, é para que todos a possuam.

Organizado de forma a articular essa diversidade, o número 15, Cultura Popular, dispõe, em todo esse conjunto, de textos que envolvem o popular como culto do tradicional, formas de um tradicional criativo que se produzem como identidade, mesclando-se com os traços comuns da vida contemporânea, como a *Axé Music, em Salvador: conceitos, identidade e mercado*, de Marcelo Cunha Oliveira e Maria de Fátima Campos, e *A cultura material no bloco Chave de Ouro*, de Giuliana Caetano Pimentel, tratando das inovações no território tradicional do carnaval baiano, ou carioca, este de cunho mais historicista; ou o *O brilho como êxtase do imaginário*, de Maurílio Guimarães, voltado para a análise das formas multicoloridas dos tapetes votivos de Corpus Christi da cidade de Matão, no interior paulista.

Na dimensão política, se seguem: o texto feminista de Letícia Saraiva, *Violeta Parra: deslocamentos femininos na arte popular*, como a discussão conceitual em *A qualidade epidérmica do imaginário popular*, de minha autoria, e as formas educativas de *Arte na Escola*, de Giovane Nascimento e Talita Miranda Ribeiro, como também em *O ensino de arte e a festa popular*, de Edite Colares Oliveira Marques.

Na exploração dos meios eletrônicos e novas mídias, temos *O meme como expressão de arte popular*, de Felipe Aristimuño, observando as formas vivas dos produtos de grandes circuitos internacionais, com a descrição de uma cultura popular lusófona; *Iguaçu, sua turma e as máquinas de visão*, de Alessandra Caetano, que investiga a escola de cinema de Nova Iguaçu. A seguir, deriva-se

para o tratamento do design por Josiane Campos, Paulo Henrique Wolf e Milton Luiz Horn Vieira, no artigo *O design no processo de criação de narrativas infantis: estudo para o desenvolvimento de roteiro para uma série animada educativa*. Fechamos com as pesquisas em quadrinhos de Eliane Meire Soares, Mariane Cardoso, Fábio Resende e Rafael Goulart, com *Cultura contada através da arte de ilustrar: quadrinhos nos anos de 1980 e 1990*.

Como obra especial, destacamos o caderno de imagens de Ivan Jilek, artesão hippie da corrente visionária dos anos 70. Suas fotos históricas, que reúne e organiza em um arquivo pessoal, documentam a formação da Feira Hippie de Ipanema, espaço sincrético do artesanato urbano carioca. O material serviu ao processo de legitimação da feira e na obtenção do título de Patrimônio Imaterial, motivo de orgulho e segurança aos que se dedicam ali, na Praça General Osório, em Ipanema, em todos os domingos, ao contato direto com o público.

Carpe Diem! Esperamos que apreciem, como nós, esse arco de experiências reflexivas que estes autores apresentam aqui.

Isabela Frade